



رابطة برلمانيون لأجل القدس

Parliamentarians for Al Quds

# A GUERRA ISRAELENSE EM GAZA

## O HORRIPILANTE GENOCÍDIO





رابطة برلمانيون لأجل القدس

Parliamentarians for Al Quds

## Introdução

No sábado, 7 de outubro de 2023, a ocupação israelense anunciou o início de uma guerra genocida contra o povo palestino na Faixa de Gaza. Durante essa guerra, eles cometeram massacres horríveis contra civis, acompanhados pelo aperto do cerco a Gaza e o corte completo de suprimentos de eletricidade, água, alimentos e combustível. O objetivo era destruir os componentes básicos da vida na região, forçar os palestinos a deixarem suas terras e matar o máximo possível deles.

Desde o início da guerra genocida e até a redação deste relatório, a ocupação israelense matou aproximadamente 34.000 palestinos e feriu mais de 76.000, sendo mais de 70% das vítimas crianças e mulheres. Além disso, há milhares de pessoas desaparecidas e detidas. A ocupação israelense mirou o Conselho Legislativo Palestino, seus membros, hospitais, instituições de saúde, estabelecimentos civis e governamentais, escolas, universidades, instalações industriais e muito mais. Eles destruíram prédios e casas residenciais com habitantes dentro, sem qualquer aviso prévio, resultando na morte de famílias inteiras. A ocupação israelense também mirou a imprensa internacional, equipes médicas e de ajuda humanitária.

Instituições internacionais, organizações de direitos humanos e jornalistas documentaram a ocorrência de massacres contra civis pela ocupação, bem como a execução de centenas de assassinatos extrajudiciais visando mulheres, crianças, pacientes e pessoas deslocadas durante a guerra. Houve cenas e testemunhos mostrando a ocupação israelense atropelando deliberadamente civis com tanques, sem qualquer consideração pelas leis humanitárias, internacionais ou morais.

A guerra genocida contra o povo palestino coincidiu com a contínua agressão à Mesquita de Al-Aqsa, a confiscação de terras palestinas, a provocação dos sentimentos palestinos, a escalada da judaização da cidade ocupada de Jerusalém e o bloqueio rigoroso em curso imposto à Faixa de Gaza desde 2006, o que tem causado tragédias catastróficas na região.

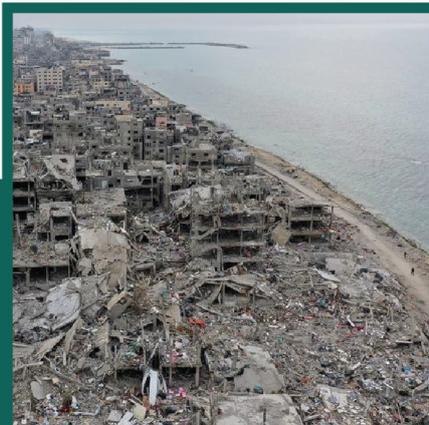
A Faixa de Gaza é considerada uma das áreas mais densamente povoadas do mundo, com mais de dois milhões de palestinos vivendo lá. Ela tem sido alvo de múltiplos ataques e guerras israelenses ao longo dos anos e está sob restrições rigorosas e um bloqueio abrangente imposto por Israel desde 2006, resultando em uma catástrofe humanitária. Em junho de 2007, a ocupação israelense declarou Gaza como uma "entidade inimiga".

Em outubro de 2023, no início da guerra, o Ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, descreveu o povo palestino como "animais humanos" e prometeu agir de acordo. Ele anunciou a imposição de um "cerco completo" e o fechamento de todas as passagens e entradas para a Faixa de Gaza.

## Shocking Numbers



A Organização Mundial da Saúde documentou 410 ataques a instalações de saúde, resultando no martírio de 685 pessoas, ferindo outras 902 e danificando 99 instalações, incluindo 30 hospitais. Também foram danificadas 104 ambulâncias, com 54 delas completamente destruídas.



A ocupação deliberadamente destruiu ou danificou a infraestrutura e os serviços básicos de água, comunicação, saneamento, saúde e edifícios municipais na Faixa de Gaza, que fornecem serviços à população, bem como a organizações humanitárias e de socorro.



A destruição afetou 70% das casas na Faixa de Gaza, chegando a 80% no norte de Gaza. Além disso, a infraestrutura civil foi completamente destruída, superando a escala de destruição em outras guerras ao redor do mundo.



Estimativas do Banco Mundial e das Nações Unidas colocam o custo dos danos à infraestrutura vital na Faixa de Gaza em cerca de US\$ 18,5 bilhões.



A ocupação destruiu 171 prédios governamentais, 100 escolas e universidades completamente, e danificou parcialmente 305 escolas e universidades. Também alvejou 229 mesquitas completamente, 297 mesquitas parcialmente e destruiu três igrejas.



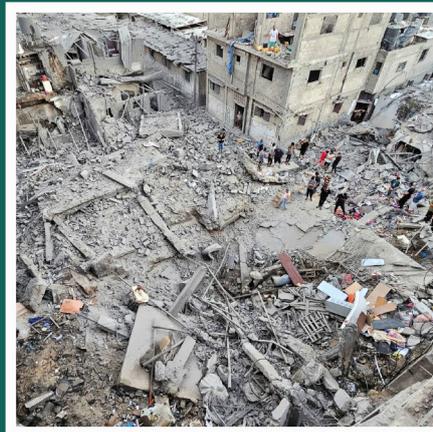
A ocupação israelense cometeu 2.922 massacres durante a guerra genocida, resultando em 47.975 mártires e desaparecidos, incluindo 14.500 crianças e 9.560 mulheres.



De acordo com a Agência das Nações Unidas para os Refugiados da Palestina (UNRWA), 218.600 deslocados estão residindo em 92 de suas escolas em várias áreas da Faixa de Gaza. Também há muitos deslocados que estão abrigados em escolas governamentais, outros prédios ou em tendas nas estradas e praças.



Até 31 de março, a ocupação havia prendido cerca de 258.500 crianças e 64 jornalistas, enquanto 13.000 palestinos permanecem desaparecidos.



A ocupação destruiu completamente 70.000 unidades residenciais em um prazo de 180 dias e danificou parcialmente outras 290.000 unidades.



Entre os mártires, 484 eram profissionais médicos, 65 eram profissionais de defesa civil e 140 eram jornalistas.

## Guerra contra as crianças

Durante a guerra, a ocupação israelense matou mais de 14.000 crianças e feriu milhares de outras até meados de março. Essa taxa de mortalidade infantil raramente foi vista em qualquer outro conflito ao redor do mundo. Além disso, a ocupação matou mais de 9.000 mulheres.



Ted Chaiban, Diretor Executivo Adjunto do UNICEF, descreveu a guerra em Gaza como uma "guerra contra as crianças", mas parece que esses fatos não estão sendo ouvidos por ninguém.

De acordo com o UNICEF, todos os dias, crianças e famílias em Gaza enfrentam a ameaça de morte vinda do céu, doenças devido à falta de água potável limpa, desnutrição e uma "tripla ameaça" de conflito, doenças e desnutrição.

Segundo a organização Save the Children, o número total de vítimas infantis durante a guerra ultrapassou 26.000, o que equivale a 2% da população infantil em Gaza durante um período de seis meses. A guerra também destruiu seu processo educacional e causou trauma psicológico e danos físicos de longo prazo. Mais de 24.000 crianças perderam um ou ambos os pais.



Em dezembro de 2023, o UNICEF estimou que pelo menos 1.000 crianças, cada uma delas, sofreram a amputação de uma ou ambas as pernas, tornando-se o maior grupo de crianças amputadas da história. A ocupação israelense também destruiu a única instalação em Gaza para fabricação de próteses e reabilitação, deixando-a fora de serviço. Essa instalação era o Hospital Hamad.

Organizações de direitos humanos documentaram a execução de 13 crianças pelo exército israelense por meio de tiros diretos dentro e ao redor do Complexo Médico Al-Shifa na Cidade de Gaza. Esses atos constituem crimes de guerra e crimes contra a humanidade por si só e fazem parte da série de assassinatos cometidos por Israel como parte do genocídio contínuo contra o povo palestino em Gaza por mais de cinco meses.

A ocupação executou crianças palestinas com idades entre 4 e 16 anos, algumas enquanto estavam presas junto com suas famílias dentro de suas casas e outras enquanto tentavam fugir por caminhos pré-determinados pelo exército depois de serem obrigadas a deixar suas casas e locais de residência.

## Guerra contra os hospitais

A ocupação israelense ataca deliberadamente hospitais, centros de saúde e profissionais médicos durante a guerra. Todos os hospitais na cidade de Gaza e no norte foram deixados fora de serviço, sendo transformados em centros de execução e detenção durante a operação terrestre. Isso faz parte de um plano sistemático, organizado e em larga escala implementado por Israel contra o setor de saúde em Gaza, com o objetivo de desabilitá-lo através da destruição e do bloqueio, levando-o a um ponto sem retorno e privando os palestinos no setor de oportunidades de sobrevivência, vida e cura.

Desde o início da guerra, a ocupação matou 484 profissionais médicos, além de prender centenas durante a invasão de hospitais, incluindo o Dr. Mohammed Abu Salamia, diretor do Hospital Al-Shifa, em 23 de novembro de 2023. Um relatório de direitos humanos indicou que ele foi submetido a torturas severas e teve todos os seus membros quebrados em uma tentativa de extrair confissões falsas.

O exército israelense invadiu o Complexo Médico Al-Shifa pela segunda vez durante a guerra em 18 de março, causando massacres e crimes horríveis contra qualquer pessoa presente, independentemente de sua condição civil ou profissional, gênero, idade ou estado de saúde. O mesmo ocorreu nos hospitais Kamal Adwan e Al-Awda, no norte de Gaza, bem como nos hospitais Al-Amal e Nasser, na cidade de Khan Younis, ao sul da Faixa.

De acordo com o Observatório Euro-Mediterrâneo de Direitos Humanos, mais de 1.500 pessoas foram mortas, feridas ou estão desaparecidas, metade delas mulheres e crianças, com base em depoimentos e observações recebidas durante a segunda invasão de Al-Shifa. As equipes médicas descobriram centenas de cadáveres dentro do complexo e na área circundante, incluindo corpos queimados e outros com cabeças e membros decepados, alguns deles amarrados.





O Observatório Euro-Mediterrâneo de Direitos Humanos afirmou que, entre as vítimas do massacre, pelo menos 22 pacientes foram mortos em suas camas de hospital devido ao bloqueio israelense ao complexo e à negação intencional de assistência médica, alimentos e suprimentos. O exército deliberadamente obstruiu a chegada de equipes de socorro e representantes de organizações internacionais ao complexo durante suas operações militares, além de evacuar e prender à força sua equipe, especialmente o pessoal médico. O destino de alguns deles permanece desconhecido até hoje.

O Observatório Euro-Mediterrâneo de Direitos Humanos também afirmou que a ocupação destruiu complexos médicos como Al-Shifa, tornando-os completamente inoperantes, demolindo todos os seus prédios através de explosões e incêndios, incluindo necrotérios, pátios e corredores internos e externos.

O exército de ocupação israelense cometeu seus crimes nos complexos médicos sem o menor respeito pelas regras do direito humanitário internacional, especialmente os princípios de distinção, proporcionalidade e necessidade militar. Ignorou a proteção especial desfrutada pelos hospitais civis e pelo pessoal médico, bem como a proteção conferida aos civis, seja em sua capacidade civil ou como não participantes diretamente envolvidos em hostilidades. Também proibiu o direcionamento de feridos e pacientes, mesmo que fossem militares. Até agora, não apresentou nenhuma evidência ou justificativa para a ampla e grave prática desses crimes, que flagrantemente violam o direito humanitário internacional. Esses crimes constituem crimes de guerra e crimes contra a humanidade em si.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, o exército de ocupação israelense transformou o Complexo Médico Al-Shifa, no oeste de Gaza, em "uma estrutura vazia preenchida apenas por cadáveres devido à sua invasão e cerco". O Diretor-Geral da organização, Tedros Adhanom Ghebreyesus, afirmou em resposta à missão da Organização Mundial da Saúde que conseguiu acessar o complexo após várias tentativas fracassadas desde 25 de março: "A maioria dos prédios do complexo sofreu destruição extensa, e os ativos foram majoritariamente danificados ou reduzidos a cinzas. Até mesmo a restauração de uma capacidade operacional mínima no curto prazo parece impossível".



## As pessoas desaparecidas

As organizações de direitos humanos e os testemunhos familiares na Faixa de Gaza registraram a presença de mais de 13.000 palestinos entre os desaparecidos, seja sob os escombros, como vítimas de valas comuns aleatórias ou escondidos à força em prisões e centros de detenção israelenses. Alguns deles foram mortos dentro dessas instalações.

Até agora, o exército israelense não divulgou nenhuma informação sobre as circunstâncias das mortes desses prisioneiros e detidos. Partes independentes também não conseguiram verificar e determinar as condições de suas mortes. Seus corpos não foram recuperados, suas identidades não foram estabelecidas e seus restos mortais não foram devolvidos ou comunicados às suas famílias.

A ocupação israelense não permite a entrada de equipamentos especiais e equipes especializadas para limpar os escombros de casas e prédios destruídos pelo exército, resgatar as pessoas presas ainda vivas e recuperar os milhares de corpos daqueles que pereceram desde o início da ofensiva militar em 7 de outubro do ano passado.

Essa estimativa do número de pessoas desaparecidas é baseada em relatos iniciais dos desaparecidos. É difícil determinar com precisão os números reais nessa fase, devido aos contínuos ataques militares israelenses e ao cerco imposto em muitas áreas pelo exército israelense. Além disso, as práticas do exército israelense têm como objetivo dispersar as famílias palestinas, especialmente obrigando-as a evacuar repetidamente sem garantir passagens seguras, separando os membros da família e forçando-os a fugir para áreas diferentes, ou prendendo-os arbitrariamente e escondendo-os à força. A comunicação entre as famílias foi interrompida, especialmente devido aos serviços de comunicação e internet fracos ou interrompidos.

As equipes de defesa civil, com recursos limitados, recuperaram os corpos de mais de 500 palestinos do Complexo Médico Al-Shifa e arredores, na cidade de Gaza Ocidental e Khan Younis, após a retirada do exército. A maioria desses corpos havia se decomposto devido ao longo período, e alguns mostravam sinais de terem sido devorados por gatos e cachorros. As forças israelenses dificultaram sua recuperação por meses, violando a dignidade das vítimas e seu direito, assim como o direito de suas famílias, de enterrá-los de maneira respeitosa e apropriada, de acordo com seus rituais religiosos, em sepulturas individuais, e de respeitar essas sepulturas e marcá-las de forma que permita sua constante identificação.

## ➤ O Cerco e a Guerra à Educação

Durante a guerra genocida da ocupação israelense, foi imposto um cerco à Faixa de Gaza como forma de punição coletiva. Foi implementada uma política sistemática e escalonada para isolar e privar Gaza de serviços básicos e componentes essenciais da vida. Isso incluiu a destruição de casas, fábricas, poços de água, escolas, hospitais, delegacias de polícia, laboratórios, prédios e instituições que fornecem serviços essenciais.

A ocupação deliberada e extensivamente visou as universidades e as elites acadêmicas na Faixa de Gaza durante a guerra genocida. Foram destruídos intencionalmente edifícios dedicados a fins educacionais, artísticos, científicos, religiosos e históricos, com o objetivo de tornar Gaza um lugar inabitável e deslocar à força seus moradores, criando um ambiente que carece dos requisitos mínimos para a vida e serviços.

A ocupação propositadamente visou e matou figuras acadêmicas, científicas e intelectuais na Faixa de Gaza em ataques específicos e deliberados. Dezenas deles foram mortos em ataques aéreos diretos que visavam suas casas sem aviso prévio, juntamente com suas famílias ou outras famílias que haviam procurado abrigo com eles. Entre eles estavam três reitores universitários, além de mais de 95 diretores e professores, incluindo 17 professores e 59 pessoas com doutorado, e 18 pessoas com mestrado.

Os acadêmicos visados estão distribuídos em várias áreas científicas, e a maioria deles representa os "pilares do trabalho acadêmico nas universidades de Gaza".

O bombardeio israelense também resultou na privação de 88.000 estudantes de continuarem sua educação universitária, e 555 estudantes não puderam ingressar em bolsas de estudo no exterior.

A ocupação destruiu cinco das seis universidades na Faixa de Gaza, seja completamente ou parcialmente. O exército israelense mostrou cenas da destruição completa da Universidade Al-Israa após detonar sua sede e demolir todos os seus prédios e instalações em 17 de janeiro do ano passado. A universidade foi transformada em quartéis militares e um centro de detenção por mais de dois meses. A ocupação também destruiu o Museu Nacional dentro da universidade, que abrigava mais de 3.000 artefatos raros, e saqueou centenas deles.

A Universidade Islâmica na cidade de Gaza foi completamente destruída devido a intensos bombardeios aéreos em 11 de outubro. Os prédios restantes foram nivelados durante a invasão terrestre da ocupação ao complexo universitário.

Além disso, 171 prédios educacionais do governo, 100 escolas e universidades foram completamente destruídos, e 305 escolas e universidades foram parcialmente destruídas.

De acordo com o relatório do Ministério da Educação, as vítimas entre os estudantes durante a guerra alcançaram 5.994, com 9.890 feridos. Além disso, 266 professores na Faixa de Gaza foram martirizados. Atualmente, 620.000 estudantes na Faixa de Gaza continuam privados de educação. A destruição causada pela guerra genocida em Gaza afetou 70% das casas, com a porcentagem subindo para 80% na parte norte da faixa. Além disso, a infraestrutura civil foi completamente destruída, superando o que foi testemunhado em outras guerras ao redor do mundo, incluindo Aleppo na Síria e Mariupol na Ucrânia, bem como outras cidades historicamente devastadas. Essas informações foram fornecidas pelo Relator Especial das Nações Unidas sobre o direito à moradia adequada, Balakrishnan Rajagopal.

# 5. PARLAMENTERLER ARASI KUDÜS PLATFORMU KONFERANSI

THE FIFTH CONFERENCE OF THE LEAGUE OF PARLIAMENTARIANS FOR AL-QUDS

المؤتمر الخامس لرابطة برلمانيون لأجل القدس

FILİSTİN İÇİN ÖZGÜRLÜK VE BAĞIMSIZLIK - FREEDOM & INDEPENDENCE FOR PALESTINE - الحرية والاستقلال لفلسطين



Website



[www.LP4Q.com](http://www.LP4Q.com)



Parliamentarians for al-Quds